

Dois filmes

J. Roberto Whitaker Penteadó

Diversão é a felicidade dos que não pensam. Alexander Pope

Dois filmes exibidos nos cinemas do ano passado entraram no meu circuito pessoal de DVDs alugados: A Ponte de San Luis Rey e Capote.

O primeiro é uma adaptação do livro de 1927 do escritor americano Thornton Wilder, luxuosamente produzido para mostrar uma corte do Reino do Peru, no início do Século 18 que não ficava a dever às pompas de Versailles e um cast que inclui Robert De Niro, Kathy Bates, Geraldine Chaplin, etc.

O segundo mostra a empresa do jornalista e escritor Truman Capote, a partir de 1959, de transformar um crime particularmente repulsivo, ocorrido no Kansas, na sua novela A Sangue Frio. O ator Philip Seymour Hoffman que ganhou Oscar de interpretação com o papel consegue a proeza de ser mais parecido com Capote do que o próprio Capote, que foi figurante freqüente das colunas sociais da época.

Para quem gosta de cinema e não viu, ambos os filmes valem a pena. Mas o fato de tê-los visto em casa, com poucos dias de intervalo, levaram-me à reflexão que quero compartilhar com o leitor.

A trama de San Luis Rey acompanha os passos de um padre, irmão Juniper, que decide investigar as vidas das cinco vítimas de um acidente, na ponte em questão, na tentativa de aplicar a análise racional aos desígnios aparentemente inexplicáveis de Deus. Como resultado, escreve e publica um livro. O tribunal da inquisição recolhe todos os exemplares da obra e leva o autor a julgamento, pela ousadia de questionar assim publicamente a vontade divina. No final, vão todos à fogueira: os livros e o autor.

Capote vislumbra a possibilidade de transformar uma tragédia muito real num produto de consumo e de sucesso. Durante cinco anos, entrevista os familiares, os amigos das vítimas, a polícia e torna-se amigo pessoal de um dos criminosos. O que não o impede de ficar torcendo, no final, para que ele seja logo executado, a fim de que possa terminar e lançar o livro. A Sangue Frio foi um best-seller, confirmando a percepção do autor, que a bem da verdade histórica abalado pela experiência, morre, alcoólatra e doente, poucos anos mais tarde.

Há muitos paralelos entre essas duas histórias reais distantes dois séculos uma da outra. O medo institucional diante da ameaça das idéias, através das palavras não era coisa nova, no mundo, mas acentuava-se com a sua divulgação ampla através da imprensa. Mas ainda era possível confiscar os livros e queimar os seus autores.

Já o fenômeno descrito em Capote ocorre em plena era do show-business e da sua progressiva ocupação dos meios de comunicação de massa. Ainda se estranhava, contudo, que horror e tragédia reais fossem transformados em diversão. A Sangue Frio foi o precursor histórico da moderna literatura de ficção, de mais ou menos todos os jornais e revistas atuais e dos informes televisivos.

A natureza humana mudou pouco. Os peruanos de 1714 não puderam ler os escritos do irmão Juniper, mas divertiram-se assim mesmo, assistindo à sua execução em praça pública.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=165&ID=356>>.

Acesso em: 4 ago. 2009